



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CARUARU
DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

DÉBORA VANESSA DA SILVA

A ELABORAÇÃO DO TCC DE UM PONTO SUBJETIVO E AGENCIADOR: um
processo de resistência e desejo

CARUARU
2020

DÉBORA VANESSA DA SILVA

A ELABORAÇÃO DO TCC DE UM PONTO SUBJETIVO E AGENCIADOR: um
processo de resistência e desejo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Matemática-licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Matemática.

Área de concentração: Formação de Professores.

Orientador: Profº. Dr. Simone Moura Queiroz.

CARUARU

2020

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

S586e Silva, Débora Vanessa da.
 A elaboração do TCC de um ponto subjetivo e agenciador: um processo de
 resistência e desejo. / Débora Vanessa da Silva. – 2020.
 58 f. ; il. : 30 cm.

 Orientadora: Simone Moura Queiroz.
 Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de
 Pernambuco, CAA, Licenciatura em Matemática, 2020.
 Inclui Referências.

 1. Diferença (Filosofia). 2. Subjetivação. 3. Monografias. 4. Professores –
Formação. I. Queiroz, Simone Moura (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.)

UFPE (CAA 2020-167)

DÉBORA VANESSA DA SILVA

A ELABORAÇÃO DO TCC DE UM PONTO SUBJETIVO E AGENCIADOR: um
processo de resistência e desejo

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Matemática-Licenciatura da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para a obtenção do título de
licenciada em Matemática.

Aprovada em: 06/06/2020.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Simone Moura Queiroz (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Msa. Marta Maria de Lima Sales (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Msa. Luana Rafaela da Silva Costa (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Sou grata aos meus pais Valmir e Ana Lúcia pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce nos momentos em que pensei em desistir.

Aos meus irmãos Bianca e Lucas por sempre acreditarem que eu seria capaz.

Também sou grata aos meus avós que de alguma forma contribuíram para que o sonho da faculdade se tornasse realidade.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Simone Moura Queiroz, por todo conhecimento compartilhado, disponibilidade, orientações, pelas oportunidades, conselhos, cuidado e zelo que foram primordiais para a conclusão deste trabalho.

A minha querida amiga e Profa. Wanessa Mayara, que me ajudou na pesquisa do TCC, com sua vasta experiência compartilhando seus conhecimentos na área de pesquisas científicas, pelo incentivo, motivação e disponibilidade.

Aos meus colegas de turma, em especial Michelly, Karlos Eduardo, Fábio, Emanuel, Viviane e Fernanda.

Também quero agradecer à Universidade Federal e a todos os professores do curso pela elevada qualidade do ensino oferecido.

Que diremos, pois, diante dessas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós.

Romanos 8:31

RESUMO

O processo de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é importante para nosso devir docente, o qual delineei inicia a partir de pergunta(s) pesquisa (ou problema de pesquisa), que visamos respondê-la(s) em meio às pesquisas científicas que fazemos. Entretanto, enfrentamos inúmeras dificuldades na elaboração do mesmo, como a escolha do tema, do orientador, campo de pesquisa e etc. Diante disso, compreendemos que a produção do TCC é recheada de subjetivações e agenciamentos, além de desejos e resistências. Ou seja, somos subjetivados a desejar finalizar o curso ou a desistir dele. Somos movidos pelo desejo (ROLNIK, 2011), este trabalho é fruto de tais movimentos. À vista disso, a pesquisa tem a intenção de investigar como os obstáculos vivenciados por alguns alunos graduados do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Acadêmico do Agreste determinam a elaboração do TCC. Assim, os sujeitos da nossa pesquisa foram 17 egressos do referido curso e para produção de dados utilizamos de um formulário, questões, sendo oito discursivas e uma de múltipla escolha (objetiva), em que para descrevê-las nos conduzimos por uma pesquisa qualitativa e como fundamentação teórica a Filosofia da Diferença, referenciando obras desenvolvidas a partir de Foucault, Deleuze, Guattari, Rolnik e Larrosa. Diante da descrição dos dados compreendemos que todos os pesquisados foram resistentes aos processos de subjetivações que perpassam a produção do TCC, em que, muitos deles foram agenciados a prosseguir, mesmo diante de dificuldades, a partir de desejos que almejavam após a conclusão do ensino superior.

Palavras-chave: Filosofia da Diferença. Subjetivação. Agenciamento. Licenciados em Matemática. TCC.

ABSTRACT

The process of preparing the Course Conclusion Paper - TCC is important for our teacher training, which I outlined starts from a research question (s) (or research problem), which we aim to answer it (s) in the midst of scientific research that we do. However, we face numerous difficulties in the elaboration of the same, such as the choice of the theme, the advisor, research field and etc. In view of this, we understand that the production of the TCC is full of subjectivations and assemblages, in addition to desires and resistances. In other words, we are subject to wanting to finish the course or giving up on it. We are driven by desire (ROLNIK, 2011), this work is the result of such movements. In view of this, the research intends to investigate how the obstacles experienced by some graduate students in the Mathematics Degree course at the Academic Campus of Agreste determine the elaboration of the TCC. Thus, the subjects of our research were 17 egressed from that course and for data production we used an online form composed of nine questions, eight of which were discursive and one of multiple choice, in which to describe them we conducted a survey. qualitative and as a theoretical foundation the Philosophy of Difference, referencing works developed from Foucault, Deleuze, Guattari, Rolnik and Larrosa. In view of the description of the data, we understand that all respondents were resistant to the subjectivation processes that permeate the production of the TCC, in which, many of them were encouraged to proceed even in the face of difficulties from the desires they desired after the conclusion of higher education.

Keywords: Philosophy of Difference. Subjectivation. Agency. Graduates in Mathematics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Perguntas que compõem o formulário eletrônico com os seus respectivos objetivos.....	42
Quadro 2 –	Categorização das subjetivações que perpassaram a escolha do tema.	45
Quadro 3 –	Disciplinas que influenciaram na escolha do tema de alguns licenciados.....	49
Quadro 4 –	Projetos de Pesquisas que influenciaram na escolha do tema de alguns licenciados.....	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição referente à primeira pergunta.....	44
Gráfico 2 –	Dificuldade na Escolha do Tema	47
Gráfico 3 –	Ano/Semestre que cursou a disciplina de MPE	50
Gráfico 4 –	Por quantas vezes cursou TCC2.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CA	Campos Agreste
CNE	Conselho Nacional de Educação
et al.	e outro
Fil	Filosofia
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
MPE	Metodologia da Pesquisa Educacional
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	
	 Erro! Indicador não definido.	
1.1	OBJETIVO.....	15
1.1.1	Objetivo geral.....	15
1.1.2	Objetivos específicos.....	15
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
2	COORDENADAS TEÓRICAS: FILOSOFIA DA DIFERENÇA E ALGUNS DE SEUS CONCEITOS.....	16
3	TCC: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES AO DEVIR PROFESSOR.....	23
4	APRESENTAÇÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA LICENCIATURA DA UFPE-CA.....	31
4.1	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC).....	32
4.4.1	Normatização e plágio acadêmico.....	33
5	METODOLOGIA.....	37
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIA.....	55

1 INTRODUÇÃO

A produção e apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um dos requisitos para a obtenção do título de licenciado(a) em matemática pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Campus do Agreste (CA). Diante disso, temos que uma produção científica como esta, visa contribuir para devir docente, por mostrar compreensões adquiridas no decorrer do curso, na qual, sempre surgem inquietações, que podem ser respondidas por meio de pesquisas científicas.

Em adição, compreendemos a importância do TCC para o nosso devir docente, pois, além de professores de Matemática, também, nos tornamos pesquisadores (COSTA; SILVA, 2019). Todavia, existem várias perguntas no âmbito educacional, na educação matemática, no ensino e aprendizagem de matemática, que precisam ser respondidas e consideradas, inclusive, precisamos entender que, a uma mesma pergunta cabem infinitas respostas. Tudo depende do caminho que tomamos, da trajetória, das ferramentas didáticas e metodológicas, embasamento teórico, da nossa singularidade¹, etc. Cada trabalho científico tem a exigência de ser único, caso contrário tende a ser plágio.

Diante disso, o trabalho se delineou de inquietações que foram surgindo ao longo das disciplinas voltadas ao TCC², ou seja, o trabalho propõe discussões sobre as dificuldades de elaborá-lo, baseado nos desafios que vivenciamos e enfrentamos na construção dessa pesquisa. Em outras palavras, o que determinou este estudo foi à inquietação e a curiosidade em saber quais são os motivos que tornam o TCC tão desafiador.

Todavia, podemos vivenciar a construção de pesquisas científicas bem antes da elaboração do TCC, em que durante a graduação algumas disciplinas nos solicitam pesquisas e produção de trabalhos científicos, como artigos, projetos, relatórios, portfólio e etc. E, também, além de cumprirmos com horas referentes às disciplinas obrigatórias ou eletivas, temos que cumprir uma carga horária de atividades complementares, como Pesquisa, Extensão e Ensino (COSTA; SILVA,

¹ Conceito que será explicado no decorrer desse trabalho.

² As disciplinas voltadas ao TCC são: Metodologia da Pesquisa Educacional (MPE), Trabalho de Conclusão de Curso 1 (TCC 1) e Trabalho de Conclusão de Curso 2 (TCC 2).

2019). Isto é, durante a graduação podemos vivenciar outros momentos anteriores a escrita do TCC, na qual temos como um momento relevante quanto. No entanto, mesmo experienciando esses momentos, por que a construção do TCC gera muita angústia na maioria dos discentes?

Assim, durante a produção do TCC podem surgir diversos desafios, relacionados a escolha do tema, do campo de pesquisa, na escolha do orientador, na seleção do público alvo, do tipo de pesquisa, no uso das regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas(ABNT), fatores externos a universidade, limitações dos prazos de entregas, entre outros (COSTA; SILVA, 2019).

Esses desafios podem nos impulsionar a prosseguir ou a desistir do almejado sonho de concluir um curso superior e obter o título de professor de matemática, como ocorreu conosco por várias vezes. Podemos dizer que esses desafios estão/são recheados de subjetivações³, nos fazendo tomar escolhas, a desejar a obtenção de algo(s), pois, desejamos resultados a partir do objeto desejado, mesmo sendo guiado pela vontade de sair do caos que nos encontramos. Produzir um TCC nos tira da zona de conforto, por pesquisarmos sobre algo desconhecido a nós.

Diante disso, essa pesquisa ganhou proporção com base no que relatamos até o momento, levados pela angústia de produzir o vigorante trabalho, em que mudamos de tema por várias vezes, sem saber se dessa vez iria dá certo, o medo nos tomou por várias vezes. Deste modo, imaginamos que alguns licenciados podem ter enfrentado esses sentimentos, tornando-se uma pesquisa relevante, por ter a intenção de olhar o que tem por trás do não dito dessas dificuldades na elaboração do TCC, verificando que subjetivações transpassam o devir professor de matemática nesse processo, o quanto os licenciados lutaram para receber o título de licenciado para ensinar matemática, desmistificando esses sentimentos dos que irão ingressar nesse processo de produção.

Em relação a minha experiência, perpassei por diversos temas, como tendências da Educação Matemática, precisamente Resoluções de Problemas; Dificuldades dos alunos resolverem problemas de estrutura multiplicativa; relação professor aluno e etc. Entretanto, acabei me perdendo no meio do caminho, porém, surgiu uma luz no fim do túnel, através de discussões em uma disciplina eletiva⁴ ministrada pela orientadora desse trabalho, conheci a Filosofia da Diferença, fui

³ Termo que será conceituado ao longo desse trabalho.

⁴ Eletiva de 30 horas, cursada no período 2019.2. Dirigida pela Professora Simone Moura Queiroz.

despertada, agenciada, convidada a relacionar tais discussões com algum tema relacionado ao curso de Matemática-Licenciatura. Apesar de tudo isso, a angústia persistiu, tive dificuldades de escolher o tema que aqui discutimos. O desânimo fez parte de todo processo de produção, mas o desejo de concluir me fortaleceu a prosseguir. Lutei.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo principal: Investigar como os obstáculos vivenciados por alguns alunos graduados do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Acadêmico do Agreste determinam a elaboração do TCC. Ou seja, perceber as subjetivações e agenciamentos que transpassam a elaboração do TCC.

Portanto, buscamos reunir dados e informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como os obstáculos vivenciados por alguns alunos graduados do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Acadêmico do Agreste determinam a elaboração do TCC? Isto é, perceber quais são os obstáculos vivenciados pelos alunos recém graduados do curso de Licenciatura em matemática do CAA na elaboração do TCC.

Para a produção de dados da pesquisa, utilizamos como ferramenta didática um formulário composto por nove perguntas, sendo oito discursivas e uma de múltipla escolha. Optamos metodologicamente por uma abordagem qualitativa. Como trouxemos, tomamos como base teórica, a Filosofia da Diferença Foucault, Deleuze, Guattari, Rolnik e Larrosa, trazendo conceitos essenciais para compreendermos os desafios perante a produção do TCC, em que, consideramos um processo muito importante, transpassado por afetações, subjetivações, agenciamentos, desejo, linhas de forças e etc. Como reforça Silva (2017):

A elaboração dos trabalhos de conclusão de curso tem um peso muito importante na vida acadêmica dos graduados e merecem ser estudados levando em consideração não apenas os aspectos da obrigatoriedade, falta de tempo por parte dos estudantes, ou maior convívio de tempo com os professores, deve-se levar em consideração o que se esconde a todo esse processo. Levar em conta não só o que está a nossa frente, mas também observar o que está ao redor, a subjetividade nesse processo que faz com que orientandos e orientadores afetem se sejam afetados. (p. 43).

O trabalho foi estruturado e organizado em sete capítulos. O primeiro é o vigente, que situa o leitor sobre o tema abordado por esse trabalho. No segundo capítulo nós trouxemos em discussão a Filosofia da Diferença, descrevendo alguns

conceitos que a ela pertence e que nos ajudou a descrever os dados da pesquisa. No terceiro nós falamos os desafios/ subjetivações que transpassam os sujeitos na produção do TCC. No quarto relatamos um pouco sobre o mencionado curso. No quinto detalhamos os caminhos metodológicos para a produção de dados. No sexto discutimos sobre tais dados em consonância com a Filosofia da Diferença e, por fim, no sétimo, trazemos as nossas conclusões em relação à pesquisa.

1.1 OBJETIVO

1.1.1 Objetivo geral

Investigar como os obstáculos vivenciados por alguns alunos graduados do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Acadêmico do Agreste determinam a elaboração do TCC.

1.1.2 Objetivos específicos

- ✓ Descrever as principais dificuldades dos sujeitos da pesquisa durante o processo de elaboração do TCC;
- ✓ Identificar os fatores que influenciam os alunos na escolha do tema e da orientação;
- ✓ Verificar quais são as motivações dos alunos diante aos obstáculos enfrentados na elaboração do trabalho.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como os obstáculos vivenciados por alguns alunos graduados do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Acadêmico do Agreste determinam a elaboração do TCC?

2 COORDENADAS TEÓRICAS: FILOSOFIA DA DIFERENÇA E ALGUNS DE SEUS CONCEITOS.

Referimos à literatura da pesquisa, a Filosofia da Diferença, a qual nós destrinchamos e entrelaçamos alguns conceitos conforme a forma que nós fomos atravessados pelas discussões e encontros que tivemos durante a eletiva que destacamos na introdução do vigente texto, tal qual, com adentramentos em estudos desenvolvidos a partir dos filósofos Michel Foucault, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Sueli Rolnik, entre outros. Sendo assim, os conceitos a que aludimos são: sujeito, subjetividade, devir, experiência, marcas, subjetivação, agenciamento, dispositivos, desejo, dobrar a força, poder, saber.

A Filosofia (da Diferença) de acordo com Deleuze e Guattari (1995) consiste em criar conceitos a partir dos que já existem, ou seja, criar conceitos é uma atividade singular da filosofia. “Todo conceito tem uma história. Todo ele remete sempre a um campo de problemas (sem o que, ele não teria sentido algum).” (SCHOPKE, 2009, p. 2).

No entanto, “O conceito não pode ser confundido como uma preposição, por que ele não tem um valor de verdade [...]” (GALLINA, 2004, p. 369). Diante disso, os conceitos se diferem de definições, pois os seus significantes variam conforme o plano de imanência que estão imersos, fazendo-os, receber uma nova singularidade.

O plano de imanência é instaurado pela filosofia, compreendido como o solo fértil onde os conceitos possuem uma existência autônoma e se interagem entre si. Dessa forma, dizemos que no plano de imanência os conceitos seriam as suas únicas regiões, que se afetam, sem partilhar e estritamente relativos (SCHOPKE, 2009).

Nesse sentido, “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10). Segundo as palavras desses autores, a filosofia cria conceitos e instaura planos de imanência em que todo filósofo institui o seu, nele mergulha e o cria de forma dinâmica e única. Sendo assim, os filósofos pensam e criam conceitos.

No entanto, mesmo os autores Foucault (1999), Deleuze (1994) e Guattari e Rolnik (1996) e outros, tendo os seus próprios, termos que os seus planos estão

todos numa simbiose rizomática, que se opõe, se complementam ou até mesmo são distintos entre si (GALLO, 2000) por ser considerados filósofos da diferença.

De acordo com Deleuze e Guattari (1995, p. 12):

O Filósofo é bom em conceitos, e em falta de conceitos, ele sabe quais são inviáveis, arbitrários ou inconsistentes, não resistem um instante, e quais, ao contrário, são bem feitos e testemunham uma criação, mesmo se inquietante ou perigosa.

À vista disso, “O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12).

Assim, a filosofia é resultado de ações sempre criativas, em que os conceitos não são criados do nada, é necessário que se tomem problemas que são colocados na sociedade e os reflitam através de alguma perspectiva, isto é, para criar conceitos como apresenta Deleuze apud Gallo, (2000) é resultado do ato de roubar conceitos que já existem e recriá-los, dando uma nova perspectiva, uma nova visão, uma nova conceituação.

Em face de tudo isto, a filosofia cria conceitos e instaura planos de imanência (DELEUZE; GUATTARI, 1995), em que todo filósofo institui o seu. Porém, mesmo os autores Foucault (1999), Deleuze (1994), Guattari e Rolnik (1996) e outros, tendo os seus próprios planos, que se opõem, se complementam ou até mesmo são distintos entre si (GALLO, 2000) por ser considerados filósofos da diferença.

O conceito diferença no plano de imanência que estamos fazendo adentramentos, recebe uma nova conceituação, “[...] em que o infinito é o limite da nossa conceituação, pois, o que se tem agora é o conceito da reflexão criativa, que cria o mundo” (HEINEN; HEINEN, 2013, p. 242), é desmitificado de um valor “negativo”, “mal”, “nefasto”, “pernicioso” para um valor positivo (SCHOPKE, 2009). “Não foi Deleuze quem criou este conceito, mas foi certamente ele quem mais fez para tornar a diferença, em si mesma. Em outras palavras, ele lhe deu um sentido positivo [...]”. (p. 2). Assim, a filosofia da multiplicidade, pluralidade, da diferença, furta qualquer regra preestabelecida, modelos, padrões, considerando as distintas formas de existências, que em hipótese alguma pode confundi – lá com atributo físico (IBIDEM, 2009).

Cada sujeito possui as suas verdades, instituídas e desinstituídas ao longo da sua vida, em meio aos encontros com o outro social dentro da sociedade, em meio a sua forma de enxergar e sentir o mundo, em sua maneira de existir (MURAD, 2010). Ou seja, cada um de nós tem as nossas verdades e, talvez, por elas vivemos. Porém, na sociedade são trazidas coisas como “verdades” que dão sentido de que todos precisam seguir, são apresentados como discursos verdadeiros dentro de uma sociedade, como também, dissimulam o que é falso, marcando que nem todos têm o direito de fala. Como diz Foucault (2010, p. 10):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Discursos, por sua vez, “[...]não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominações, mas é aquilo pela qual e com o qual se luta, é as lutas ou os sistemas de poder de procuramos assenhorear-nos.” (FOUCAULT, 1971, p. 3). Assim, os discursos estão ligados as relações de poder, bem como as verdades, como reforça Foucault (2010, p. 10) “O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder”.

O poder no plano de imanência de Foucault é compreendido de forma diferente, circula entre os enunciados científicos (FOUCAULT, 2010, p. 5). “A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. ‘Regime’ da verdade.” (FOUCAULT, 2010, p. 11, grifo do autor).

Com isso, experienciamos e sentimos o mundo de forma singular. Larrosa (2002) fala que uma forma de conhecermos a educação é através da experiência e do sentido, destacando a importância das palavras, que nesse contexto, as palavras ganham um sentido de conceitos. A experiência é o que nos acontece, tudo que nos ocorre, pois muitas coisas nos acontecem, porém se experiencia pouco. Ou seja, não podemos assimilar a experiência ao excesso de informação - causa falta de experiência; excesso de opinião (ele culpa a educação por criticar aquelas pessoas que não tem opinião formada); falta de tempo - para ser tocado pela experiência; do excesso de trabalho, pois, quanto mais trabalhamos menos experiência temos, pelo

fato que estamos em uma rotina e deixamos de experimentar algo novo. Em citação de Larrosa (2002, p. 24):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Sendo assim, experiência é resultado das marcas que se em nosso corpo, é os estados inéditos que se produzem em nós, a partir do que vamos vivendo (ROLNIK, 1997), “Mas não para por aí. Primeiro, pela razão mais óbvia: é que enquanto estamos vivos, continuam se fazendo marcas em nosso corpo.” (p. 2). E, ainda essa autora traz:

Ao longo de nossa existência inteira e em cada uma das dimensões de que ela vai se compondo, vivemos mergulhados em toda espécie de ambiente, não só humano. Proponho que consideremos o que se passa em cada um destes ambientes, e não apenas no plano visível, o mais óbvio, mas também no invisível, igualmente real, embora menos óbvio. (ROLNIK, 1997, p. 1-2).

Desse modo, “Vivemos sempre em defasagem em relação à atualidade de nossas experiências. Somos íntimos dessa incessante desmontagem de territórios⁵: treinamos, dia a dia, nosso jogo de cintura para manter um mínimo de equilíbrio nisso tudo.” (ROLNIK, 1998, p. 8). Esses territórios investem-se a poderosa fábrica de subjetividade, produtora dos “eus” que vamos tornando, constituindo.

A subjetividade é a parte secreta de cada sujeito, que está ligada a multiplicidade, já que somos sujeitos múltiplos, mudamos constantemente, em estalar de dedos podemos convocar outro eu, dentro dos eus que vamos tornando (QUEIROZ, 2016). Com isso, a subjetividade não é fixa e não funciona apenas no registro de ideologias, mas em nosso coração, no modo de percebermos o mundo (GUATARRI; ROLNIK, 1996). E como esses autores reforçam, “[...] é algo que pode conduzir à afirmação de valores num registro particular, independente das escalas

⁵ O território ao qual nos referimos é compreendido como espaços de vida e de afetos, novo territórios subjetivos.

de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados.” (p. 47). Diante disso, somos sujeitos singulares, únicos. Entretanto, “Somos sujeitos completos, porém inacabados.” (QUEIROZ, 2020, p. 2). Isto é, somos múltiplos, dinâmicos, vamos compondo o nosso devir sujeito ao longo das experiências, marcas, subjetivações, desejos e etc. Sendo assim, sujeito é algo que é mutável.

Em continuidade, os processos de subjetivação é quem produz a subjetividade e o que faz os sujeitos desejar, ou seja, a subjetividade é construída, mas também, libertada em meio à relação com as diferenças, com o outro. Então, nem sempre as subjetivações recebem um valor negativo, de quando os sujeitos são atravessados por suas escolhas, em opinar em quais dispositivos adentrarem (QUEIROZ, 2015,). Para Foucault (1982, 2010a apud Gallo, 2000) subjetivação é processo, é algo dinâmico, que vai compondo aos poucos, é uma construção.

Sendo assim, as subjetivações são organizadas (QUEIROZ, 2015, p. 5) em quatro aspectos, são eles: O sujeito é subjetivado sem perceber (primeiro), o sujeito consente por não conseguir lutar contra as forças (segundo), o sujeito percebe que está sendo subjetivado e, aceita (terceiro), o sujeito percebe, luta contra as forças, rejeitando-as, ou seja, não deixa ser subjetivado (quarto).

Então, as subjetivações são uma análise através das técnicas/tecnologia da relação consigo, da pragmática de si (FOUCAULT, 2010), do que está se tornando, enquanto sujeito.

Além disso, a subjetivação é o que nos leva a desejar. Com isso, é em meio às subjetivações que os desejos vão traçando diferentes modos de inserção social, que não é difícil de identificá-los, pois vivemos quase continuamente, em crise, crise da economia, crise de desejo, crise dos modos que vamos encontrando para organizarmos na vida, em que mal conseguimos articular certos modos de vida, e ele já caduca (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

E, também, conforme Queiroz (2016) nós nos conduzimos pelas perguntas: “O que desejamos?” e “Por que se deseja?”, em que as respostas a essas perguntas estariam impregnadas de subjetivações, o que os levariam a desejar aquele determinado objeto. A estar em determinados dispositivos ao invés de outros.

Diante disso, é o desejo que nos faz transitar entre os dispositivos, em que não é estático, podendo mudar em meio aos encontros, as subjetivações. O desejo que conduz a um dispositivo pode dissipar, passando para outros dispositivos, suscitados pelo vetor desejo (QUEIROZ, 2015).

De outra forma, os sujeitos entram nos dispositivos conforme as subjetivações, desejos, agenciamento, subjetividade, que podem ser abandonados à medida que aqueles dispositivos não mais atraem, não mais subjetivam/agenciam os sujeitos, isto é, os sujeitos não desejam estar em determinados dispositivos, passando a habitar em outros. Sendo que as possibilidades do desejo são os agenciamentos (composições de desejos).

Os dispositivos podem ser um espaço físico ou não, como apresenta Queiroz (2015, p. 41, grifo do autor):

O dispositivo pode ser material ou imaterial, um lugar físico específico ou não, ou seja, quando entro em um “local”, e essas linhas de forças existem, não importa o que seja esse “local”, isso é um dispositivo. Podemos dizer também que uma linha de captura é um bom indicador do que funciona para o sujeito como dispositivo, tendo esta linha, entretanto, outros componentes.

Sendo assim, somos agenciados, convidados a habitar em alguns dispositivos ao invés de outros.

O “[...] agenciamento de desejo marca que o desejo jamais é uma determinação “natural”, nem espontânea.”(DELEUZE, 1994, p. 3). Além disso, “[...] o desejo circula [nos] agenciamento de heterogêneos, nessa espécie de ‘simbiose’: o desejo une-se a um agenciamento determinado; há um co-funcionamento.” (DELEUZE, 1994, p. 3, grifo nosso). E, de acordo com Deleuze (1994) o “[...] desejo não comporta qualquer falta. Ele não é um dado natural. Está constantemente unido a um agenciamento que funciona.” (p. 6). Desse modo, o mesmo conceitua o desejo como sendo um processo e, ao invés de sentimento, ele é um afeto. É como esse autor na mesma página traz, “Em vez de ser coisa ou pessoa, ele é contrariamente, acontecimento.” (DELEUZE, 1994, p. 6).

Destacamos o fato de os sujeitos não serem aprisionados pelos agenciamentos, eles permanecem em conformidade com seus desejos, podendo sofrer outros agenciamentos e desejar coisas outras. Logo, o desejo pelo qual somos subjetivados é mutável. (SILVA, 2019, p. 5 – 6).

Diante disso, constitui-se o devir sujeito, devir professor, devir discente, ..., devir pesquisador, “Todo devir é intenso, decorre dos afectos, dos encontros e das trocas moleculares entre corpos.” (GOMES, 2002, p. 64). Sendo assim, o devir descreve o que vamos tornando, nos mais variados dispositivos que adentramos ou

abandonamos, em meio aos outros (não-eu), pois é uma condição para tornarmos sujeitos, estarmos envolvidos com os diferentes de nós, com a diferença, ou seja, os demais sujeitos.

Conforme Deleuze e Parnet (1998) o devir é sempre presente, não possui passado e nem futuro, além disso, constitui-se, entre pensamentos, entre diálogos, encontros, desencontros, ..., acontecimentos, das marcas. Como mostra as palavras de Rolnik (1997, p. 3):

E assim vamos nos criando, engendrados por pontos de vista que não são nossos enquanto sujeitos, mas das marcas, daquilo em nós que se produz nas incessantes conexões que vamos fazendo. Em outras palavras, o sujeito engendra-se no devir: não é ele quem conduz, mas sim as marcas. O que o sujeito pode, é deixar-se estranhar pelas marcas que se fazem em seu corpo, é tentar criar sentido que permita sua existencialização - e quanto mais consegue fazê-lo, provavelmente maior é o grau de potência com que a vida se afirma em sua existência.

Portanto, o devir sujeito é constituído mediante as marcas e os processos de subjetivações pelos quais se passa ao longo da vida. O devir licenciando vai se constituindo de fatores subjetivadores externos e internos a universidade, pela qual, as marcas nunca deixam de existir (QUEIROZ, 2014), assim, mediante a escrita de um TCC elas se reverberam e misturam com outras que vão se formando, trazendo o que superamos o que enfrentamos ou do que desistimos. No próximo capítulo discutimos um pouco sobre a importância e desafios na produção do TCC.

3 TCC: DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES AO DEVER PROFESSOR.

Reservamos esse capítulo para apresentarmos discussões sobre a importância do processo de construção do TCC para o dever professor de matemática, que pode despertar no acadêmico o interesse de prosseguir com pesquisas em cursos de pós-graduação (lato sensu ou stricto sensu)⁶, pois, as pesquisas científicas não podem ser realizadas de qualquer forma, seguem uma série de regras, principalmente quando envolvem sujeitos. Em consonância, apresentamos discussões sobre possíveis desafios que perpassam esse processo, no entanto, os sujeitos afetam e são afetados de formas diferentes.

A princípio, a universidade é um espaço excelente, onde o pensamento científico se exercita. Não há um crescente desenvolvimento e possibilidades de novas conquistas na ciência, na educação e etc., sem pesquisadores e pesquisas científicas (CIRIBELLI, 2005). Por outros termos “A Pesquisa Científica é um instrumento altamente racional que pressupõe a ação qualificada de qualquer trabalho. É, portanto, necessária e imprescindível em todos os setores do conhecimento humano [...]”. (CIRIBELLI, 2005 p. 23). Diante disso, os cursos de Licenciatura, como também, o de Matemática, precisam suscitar em seus discentes, o desejo de realizar Pesquisas Científicas, para que além de professores de Matemática, tornem-se também, pesquisadores.

Nessa perspectiva, os cursos de Licenciatura em Matemática são assegurados pelos regulamentos do Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior (CNE/CES 1.302/2001), que reforça que os licenciandos além de uma carga horária de disciplinas, necessitam de uma carga horária complementar, caracterizadas e divididas nas modalidades de pesquisa, extensão e ensino, dessa forma, é preciso que os licenciandos participem de congressos, seminários, realizem pesquisas científicas, trabalhos acadêmicos etc.

⁶ Conforme o site na internet Último Segundo (2014) as pós-graduação são compreendidas em dois tipos de cursos, “lato sensu”, que são as especializações e aperfeiçoamentos na área e os “stricto sensu”, que são os mestrados e os doutorados regulares ou à distância. No entanto, os cursos tanto lato sensu quanto stricto sensu, precisam de permissões do Ministério da Educação (MEC) para funcionarem. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2014-05-09/entenda-diferencas-entre-pos-mba-mestrado-mestrado-profissional-e-doutorado.html>>. Visitada em: 26 de ago. 2019.

Todavia, “A graduação é o campo por excelência dos que iniciam na Pesquisa Científica, enquanto a Pós-Graduação o *lucos*⁷ dos pesquisadores.” (CIRIBELLI, 2005, p.23, grifos do autor). “Dessa forma a Universidade, ao incentivar a Pesquisa na Graduação, visa não somente o devir de futuros profissionais (professores, médicos, engenheiros etc.) mas, a formação de futuros cientistas.” (CIRIBELLI, 2005, p. 24). Além disso, a pesquisa científica precisa ir além da graduação, pois estar professor de Matemática é um desafio, que um título de licenciado não garante compreender os pulsantes movimentos no dispositivo sala de aula, do ensino e aprendizagem de Matemática, que sempre nos propulsionam a pesquisar, atualizar, a modernizar.

De acordo com Araújo (2015), os estudantes são convidados, na Filosofia da Diferença dizemos agenciados e/ou subjetivados, a participar e se envolver com diversas situações que sirvam de alicerce para construção teórico-científico. As ideias não surgem do nada, elas são construídas ao longo da nossa vivência na sala de aula, enquanto professor e aluno. O devir professor é construído também desses movimentos, temos que ter argumentos consistentes e utilizar de uma literatura que dê suporte ao que defendemos.

Ao longo do período do qual o aluno estará incorporado ao âmbito acadêmico, será impelido a participar de diversas ações com a finalidade de contribuir para a construção do arcabouço teórico-científico que irá necessitar ao longo da sua carreira. Nesse contexto, lhe é apresentado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que faz parte da grade curricular e visa proporcionar o surgimento e/ou aprimoramento da capacidade científica do futuro profissional. (ARAÚJO, 2015, p. 12).

Com isso, imaginamos que o nosso encontro com a pesquisa científica inicia bem antes da escrita do TCC, pois, desde cedo os trabalhos solicitados pelos professores nos exigem que sigamos por regras, para que eles sejam bem estruturados e organizados. Em algumas disciplinas nos são solicitados a construção de artigos como parte dos instrumentos avaliativos da mesma, além disso, produzimos relatórios de estágios supervisionados, portfólio, fixamente, documentos e etc. Conforme Araújo (2014, p. 9) “Alguns TCCs são frutos de experiências adquiridas ao longo do curso como: estágios supervisionados,

⁷ É uma palavra da língua latim, que significa “lugar específico”, “posição”, “local” ou “espaço”. No contexto em que estamos utilizando, seria o espaço em que os pesquisadores, graduados de determinadas áreas desenvolvem as suas pesquisas científicas.

monitorias, projetos de pesquisas.”. E, ainda mais, reforçam os autores Freitas et al (2013, p. 1):

Desta forma, o ensino de graduação passou a contemplar a pesquisa na formação, a fim de que o futuro profissional adquirisse motivação e capacitação para este exercício. Como forma de incentivar e, muitas vezes, introduzir o estudante ao universo da pesquisa científica, os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) fazem parte do currículo acadêmico como forma obrigatória para que o estudante possa finalizar sua graduação. Alguns autores definem o TCC uma síntese de leituras, observações, reflexões e críticas, desenvolvidas de forma metódica e sistemática por um pesquisador que relata a um ou mais destinatários determinados escrito que seja o resultado de suas investigações, as quais, por sua vez têm origem em suas inquietações acadêmicas.

Como efeito, vemos o quanto o TCC é relevante no currículo acadêmico, por incentivar e motivar os futuros profissionais, nesse caso, professores de matemática a pesquisas científicas. A realização de pesquisas desse tipo permite que o pesquisador seja agenciado por problemas como este apresentado, visando procurar por soluções, reflexões e críticas. Com isso, o TCC apresenta resultados de investigações que têm raízes em inquietações que surgem no contexto escolar, acadêmica e profissional. Como resumem bem as palavras de Araújo (2015, p. 19).

De modo sucinto, porém abrangente, é notório o entendimento que a prática do TCC como instrumento auxiliar na formação do aluno, é substancialmente útil quando se fala em integração de conhecimentos adquiridos durante a graduação e sua posterior aplicação na vida profissional do indivíduo.

A pesquisa de Araújo ainda traz que a produção do TCC tem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem do licenciando. Isso se dá por ser um trabalho elaborado pelo mesmo, que carrega muito do que aprendeu durante a graduação, assim como, o que foi construindo ao longo da escrita do TCC.

Entretanto, durante a trajetória acadêmica enfrentamos diversos desafios, que os referimos como processos de subjetivações, podendo ser externos e/ou que vem surgindo na/da própria universidade, onde as infinitas situações se ligam apresentando e compondo o nosso infindável devir professor de matemática.

Em outras palavras, fatores como a inadequação da carga horária de trabalho, que muitas vezes impede a realização das atividades acadêmica, à falta de tempo; angústia e descontentamento com o curso; observações e experiência das desvalorizações profissionais e financeiras do professor; o grande fluxo de situações

que nos impedem de entregar as atividades no tempo estabelecido; problemas pessoais como afetivos e efetivos; e entre outros, podem fazer parte do processo de construção do TCC.

Nesse sentido, compreendemos que somos afetados e afetamos no curso de diferentes maneiras, como vimos, somos singulares e múltiplos, por conseguinte, a forma que nós somos tocados pelo processo de construção do TCC é diferente, carregamos em nosso devir elementos singulares que nos fazem sermos professores únicos de matemática e, fatores que nos impedem de prosseguir não propulsores de outros, em que a recíproca também pode ser verdadeira. Como vemos no trabalho de Silva (2019), esse processo é recheado de linhas de forças, em que precisamos reconhecê-las.

Dessa forma, é preciso reconhecer essas forças e entender que a subjetividade no processo de elaboração das pesquisas faz com que orientadores e orientados afetem e sejam afetados, desejem coisas outras, adentrem em novos dispositivos, modificando-os e sendo modificando por eles. Com esse reconhecimento e entendimento do sujeito como uma construção contínua, temos que discursos legitimados socialmente podem ser rejeitados e não apresentem mais poder de subjetivação sobre esses sujeitos. (p. 9).

Dessa forma, para alguns sujeitos os desafios começam na escolha do professor orientador, em que, olhamos sobre a ótica de vários pontos, sejam eles voltados a nossa aproximação com o mesmo ou com o campo de pesquisa que desejamos adentrar. Transpassam entre orientadores e orientandos várias subjetivações, agenciamentos, linhas de forças, relações de poder, saber, fazendo com que eles se afetem e sejam afetados entre si, isto é, fatores como admiração; linha de pesquisa; aproximação; entre outros; são levados em consideração no momento de escolher um docente orientador.

Além disso, em alguns casos acontecem dos professores convidarem os alunos para serem os seus orientandos. Contudo, notamos que, a escolha do orientador e entre o elo orientador - aluno perpassa infinitas subjetivações, relações de poder, saber, nas quais constituem sujeitos em movimento, mas, que não podemos generalizar os fatores que fazem com que os graduandos escolhem um professor em detrimento de outros.

Certamente já ouvimos afirmações do tipo: “Professores exercem influências sobre a vida de seus alunos”, “Alguns alunos tendem a usar os professores por quem cultivam admiração como um modelo a ser seguido”,

“A criança e/ou o adolescente aprende melhor quando tem uma boa relação com os seus professores”, entre outros. E realmente temos pesquisas que nos mostram a importância dessa relação professor-aluno durante todo o processo de aprendizagem e que destacam o papel fundamental dos professores em sala. (SILVA, 2019, p. 1-2, grifo do autor)

Diante dos discursos retratados na fala de Silva (2019), nos pontuam a importância de uma boa relação entre o professor orientador e orientando, pois é um momento que exige a realização de constantes orientações, conversas, trocas de informações e construção de conhecimentos. Além disso, as subjetivações, agenciamentos, saber, relações de poder legitimam verdades inquestionáveis para alguns orientandos, onde seguem fielmente as ideias do orientador, tornando-se seguidores dos seus conselhos, sendo agenciados por seus discursos, escolhendo temas do interesse do orientador ao invés de pesquisar aquilo que a princípio desejava pesquisar. Os licenciandos são subjetivados.

Cada caso é único, pois, as subjetivações são diferentes, transpassam os sujeitos de formas diferentes, sem deixarmos de citar, que há casos que exigem a troca de orientador (a), podendo ser gerado por situações que envolvem um ou outro, ou ambos. É um convívio que exige responsabilidade e assiduidade de ambos. Assim, isso mostra um tipo de situação que pode mudar a pesquisa de rota ou adaptá-la as novas mudanças. Como refletem as palavras de Lima (2017, p. 124):

A relação de docentes e discentes no processo de orientação de TCC é fundamental para o desenvolvimento de qualquer texto. Embora a ideia central da pesquisa seja de iniciativa do discente, é importante que haja empatia por parte do orientador ou orientadora para com o tema, e que haja disposição para, juntamente com o orientando ou orientanda, encontrar o foco da pesquisa.

A escolha do tema pode ser também um desafio para muitos. Durante os movimentos no dispositivo universidade conhecemos uma diversidade de tema, nos mais variados campos de pesquisa, recaindo um peso no momento da escolha, desmotivação, sensação de medo, incapacidade e angústia. Conforme Queiroz (2020):

E com isto recai sobre o/a licenciando/ licencianda o peso da escolha, momento em que precisa optar por um caminho em detrimento dos outros. Uma escolha que envolve uma infinidade de não escolhas, ocasionando

uma sensação de medo intensificada pela incapacidade de supor que não irá conseguir fazer a tarefa a que se propôs. (p. 2).

De acordo com Silva e Costa (2019), pode suceder que escolhemos o tema bem antes do orientador e queremos ser orientados por ele, porém, o tema pode não coincidir com as linhas de pesquisa do mesmo, podendo ocorrer troca ou não do tema, tornando-se um desafio para ambos. Há casos que é convidado (a) um (a) professor (a) coorientador, para mediar essa situação. É importante observar a necessidade e obrigatoriedade de seguirmos as exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é uma atividade curricular obrigatória, que segue as exigências e diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e tem como objetivo despertar o pensamento crítico dos discentes, incitar associação interdisciplinar dos conteúdos adquiridos ao longo do curso [...] (LIMA, 2017, p. 121)

Desse contexto, seguir as exigências da ABNT pode ser um desafio, em prol de não cometer erros, nem plágio acadêmico⁸, de deixar o trabalho bem organizado e estruturado, partindo de um rigor científico. É necessário referenciar e legitimar as ideias de outrem em nossas pesquisas científicas, por meio de citações indiretas e diretas, acrescentando credibilidade as mesmas.

Nessa conjuntura, destacam-se as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que devem ser observadas e seguidas fielmente, uma vez que as diretrizes que balizam a estrutura e formatação do trabalho cria a uniformidade que pode ser facilmente entendida por pesquisadores em qualquer parte do mundo. Tal padrão é conhecido como método científico e serve para dar credibilidade ao estudo desenvolvido. (ARAÚJO, 2015, p. 14)

De acordo com Araújo (2015) o TCC deve se basear em estudos anteriores, sem esquecer-se de referenciá-los em seu trabalho, pois a não observação deste termo poderá penalizar o aluno-pesquisador e o orientador do trabalho, por se apropriar de ideias de outros pesquisadores. Todavia, pode ocorrer sem que percebamos, por isso é necessário termos conhecimentos das regras que tangem a produção do TCC, a fim de afastar problemas futuros.

Como trouxemos e referenciamos alguns autores, o TCC precisa ser bem organizado e estruturado, precisa ter um começo, meio e final, precisa estar bem

⁸ Conceito abordando no tópico 4.4.1 do quarto capítulo.

argumentado. Como mostra Queiroz (2020) ao sequenciar as etapas de toda pesquisa:

Com isso, temos que toda pesquisa deve: 1. Fundamentar-se em uma teoria, ou mais de uma, sendo utilizada, tanto como referencial teórico para embasar a composição bibliográfica da pesquisa, quanto para analisar os dados da pesquisa, sendo um suporte metodológico; 2. expor por meio de objetivos claros, precisos e bem delineados, a intenção da pesquisa; 3. por meio de sua metodologia bem definida, elucidar o desenvolvimento, o passo a passo, das etapas pelas quais a pesquisa irá passar (pré-projeto), ou já passou (pesquisa finalizada); 4. após as etapas metodológicas estabelecidas serem efetivadas, elas serão analisadas (confrontadas), relacionando-as com as teorias anteriormente abordadas; 5. e com tudo isto, a pesquisa visa possibilitar meios para que se encontrem respostas ao problema de pesquisa proposto. (p. 1)

Mediante isso, vemos a relevância de estruturarmos bem as ideias do TCC, bem como organizá-lo em etapas. Porém, cada uma dessas etapas pode ser desafiadora para o graduando. É algo que muitas vezes o tira da zona de conforto, por ser desconhecido o que se está pesquisando, pelo menos é uma das exigências de que a pergunta de pesquisa seja algo que o pesquisador de antemão não tenha a(s) resposta(s), apenas uma hipótese. Ele precisa trazer novas contribuições para a formação docente de matemática.

Devemos considerar que mesmo tendo produzido artigos científicos, o TCC acaba exigindo mais, principalmente quando se é uma monografia, surgindo outra dificuldade que é a dificuldade de escrever, o tal de “por onde começar”. Isso pode causar desmotivação, porém, como esse sentimento e também os outros que surgem, perpassa cada subjetividade de maneira diferente, o nosso devir é diferente.

Após escolhermos o tema e o orientador, pode surgir à dificuldade de instituir e contextualizar o problema de pesquisa diante de tantos questionamentos que vão sendo elencados para a produção do mesmo. Dialogar e recolher materiais sobre o tema é um fator desafiador. Temos que buscar estudos consistentes e que fundamente o nosso trabalho, em que precisam ser recolhidos de bancos de dados seguros. Devemos analisar antes de referenciá-lo, é preciso bastantes leituras e aprofundamentos.

Após isso, eles precisam elaborar um problema de pesquisa que argumente o que é pretendido com o TCC e quais procedimentos serão tomados para coleta de

dados. Talvez, a dificuldade de perceber qual tipo de metodologia o trabalho abarca, qual permite responder o problema de pesquisa (ARAÚJO, 2015).

A escrita do TCC, por sua vez, precisa ter rigor acadêmico, como já mencionado, utilizando-se de uma linguagem formal, coerente e coesiva, como vimos, precisa seguir regras e ter bastante cuidado quando se utiliza das ideias de outrem devido à falta de citações. De acordo com Araújo (2015, p. 20) “A escrita deve ser adequada ao meio, a ligação entre interlocutor e receptor deve ser fluida, entendível e auxiliar a transferência de informação de maneira clara e objetiva.”.

Portanto, observamos recortes de desafios, dificuldades que os discentes podem enfrentar na elaboração do TCC, bem como a sua importância no devir professor do mesmo, suscitando o desejo de ser pesquisador. Compreendemos que são inúmeras subjetivações que perpassam o licenciando nesse processo.

Que parafraseando os processos de subjetivações que apresentamos no capítulo anterior em citação de Queiroz (2015), temos o seguinte: Na construção do TCC os licenciandos são subjetivados sem perceberem, eles se deixam levar pela angústia, sentimentos que os deixam impotentes, pelos desafios, se sentindo incapazes de findá-lo (primeiro processo). Isso ocorre na relação entre orientador orientando, eles não percebem que estão sendo subjetivados pelos discursos do seu orientador; os licenciandos percebem os sentimentos que os tentam subjetivar e consentem por não possuírem forças de lutar contra os desafios que encontram nesse processo, em que, alguns desistem até mesmo do curso (segundo processo), os licenciandos percebem que está sendo subjetivado e, aceita (terceiro processo), eles reconhecem as linhas de forças que os perpassam, os sentimentos, os desafios; os licenciandos percebem, lutam contra os desafios que surgem durante a produção do TCC, dobram a força, o finaliza e o defende, ou seja, não se permitem serem subjetivados pelos sentimentos, pelas marcas negativas em forma de discursos de outros sujeitos (licenciandos ou professores). Portanto, compreendemos que a realização do TCC é uma luta constante com subjetivações, é um jogo que tem duas opções, concluí-lo ou desistir. Contudo, que todas as duas decisões são reflexos das lutas travadas.

4 APRESENTAÇÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA LICENCIATURA DA UFPE – CA

Neste capítulo trazemos um pouco sobre o curso superior onde os sujeitos da nossa pesquisa concluíram a Licenciatura em Matemática, apresentando os principais regimentos, documentos oficiais e normas. Em conformidade, expomos a forma de organização dos componentes curriculares, bem como alguns fatores que alicerçam a produção do TCC.

Com isso, temos que o curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Campus do Agreste, foi criado pela autorização no Documento Oficial da União nº 235, de 07/12/2007, Seção 3, p.55, reconhecido pela Portaria do MEC nº 121, de 05/07/2012, publicada no Diário Oficial da União em 06/07/2012.

De acordo com o Conselho Nacional de Educação/Câmara de Ensino Superior (CNE/CES 1.302/2001), o Curso destina-se a formação do profissional docente para atuar no ensino básico, abrange em seu currículo, variadas esferas, com componentes dos mais variados, aprimoramento nas disciplinas que irão lecionar as disciplinas do contexto educacional, além das disciplinas voltadas para pesquisa.

À vista disso, a organização curricular foi elaborada pelo parecer do (CNE/CES 1.302/2001) e está organizada em períodos, cada qual correspondendo há um semestre. O curso é integralizado em no mínimo 9 semestres e no máximo 14 semestres. Embora a Resolução do Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão (CCEPE-UFPE de 12/2008) estabelece o mínimo de oito semestres para integralizar um curso de licenciatura com até 3200 horas.

Conforme orientação das Diretrizes vigentes, o Curso de Matemática-Licenciatura é constituído de componentes curriculares de natureza científico-cultural, de formação pedagógica e atividades complementares. A carga horária está assim distribuída: 2130h (dois mil cento e trinta horas) dedicadas aos componentes de natureza científico-cultural.

Estas horas, por sua vez, estão assim distribuídas: 1860h (um mil oitocentos e sessenta horas) em componentes curriculares obrigatórios; 270h (duzentos e setenta horas) em componentes curriculares eletivos. Para a formação pedagógica Geral são dedicadas 810h (oitocentas e dez horas), assim distribuídas: 405h

(quatrocentas e cinco horas) de Estágio Supervisionado, no qual se desenvolverá ações e reflexões teórico-metodológicas sobre a prática docente e pesquisa em Educação Matemática; 285h (duzentas e oitenta e cinco horas) de Metodologias do Ensino de Matemática (I II e III); 60h (sessenta horas) de Didática; 60h (sessenta horas) de Avaliação da Aprendizagem. Para as atividades complementares são reservadas 210h (duzentos e dez horas).

Estas atividades complementares são caracterizadas em: atividades de pesquisa, de extensão e de monitoria, conforme resolução 06/2005 do CCEPE (Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão); participação em congressos, seminários e outras atividades acadêmicas, científicas e culturais, conforme previsto no regimento interno das atividades complementares para a Matemática-Licenciatura. Ou seja, tais atividades trazem aos licenciandos um maior aperfeiçoamento de sua formação profissional, por conseguinte, uma base para a estruturação e elaboração do TCC.

No subtópico posterior, trazemos como o TCC é distribuído em componentes curriculares, que se imagina que o mesmo seja feito de forma processual em aproximadamente em três semestres. Também, apresentamos discussões sobre normalização e plágio acadêmico.

4.1 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O TCC está presente como componente curricular obrigatório na maioria das Instituições de Ensino Superior, sendo resultado de inquietações que vem surgindo ao longo do curso e/ou durante a nossa trajetória docente de matemática. E também, como vimos, o referido curso exige horas complementares, bem como as horas de pesquisa, na qual, na graduação podemos conseguir essas horas de diversas maneiras, como: produção de artigos científicos, participação de defesa de TCC, veiculação com projetos de pesquisas e etc. Diante disso, é importante vivenciarmos tais momentos antes da elaboração do TCC, em que nos preparam para o mundo científico e, não termos tantos impactos no processo de produção do mesmo.

Segundo o Projeto Político Pedagógico – PPP (2017) do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, do

Centro Acadêmico do Agreste – CA, essa experiência de pesquisa acontece em três disciplinas obrigatórias.

É estimado que o licenciando finalize o TCC em três semestres consecutivos (período de aproximadamente um ano e meio), porém, sabemos que muitos excedem essa quantidade e passa mais períodos na universidade, talvez, faltando apenas à defesa e aprovação do TCC para conclusão do curso. Como percebemos, existem muitos fatores que subjetivam nessa produção, de forma que cada devir professor seja sempre único. Além do mais, muitos reprovam algumas disciplinas, os impedindo de seguirem o percurso curricular traçado pelo curso.

Sendo assim, as disciplinas referentes à construção do TCC são distribuídas da seguinte forma: Na grande curricular do sétimo semestre é apresentada a disciplina “Metodologia da Pesquisa Educacional (MPE)” com carga horária de 30h onde é exigido do aluno organizar um Pré-Projeto de pesquisa, desde a introdução ao cronograma de execução. Pontuamos que a entrega do Pré-Projeto é fundamental para a aprovação neste componente curricular. Diante disso, alguns graduandos o constroem sem muito cuidado apenas para não reprovar a disciplina e estender ainda mais o curso.

No oitavo semestre, temos “Trabalho de conclusão de Curso 1 (TCC1)”, com carga horária de 30h, onde é feito o acompanhamento do desenvolvimento do TCC no que diz respeito: à elaboração do objeto da pesquisa, ao problema da pesquisa, ao delineamento dos limites da pesquisa e dos seus objetivos, gerais e específicos, bem como contribuir no levantamento bibliográfico em concordância com o docente orientador do TCC.

Por fim, no novo semestre, a disciplina “Trabalho de Conclusão de Curso 2 (TCC2)”, com carga horária de 30h disciplinado pela resolução Nº 12/2008 da UFPE que estabelece que as atividades de produção de conhecimento culminem com a elaboração e defesa pública de um TCC, enquadrado no formato de Monografia, vinculadas a componentes curriculares próprios, asseguradas a orientação por um docente.

4.4.1 Normatização e plágio acadêmico.

Ao elaborar o TCC é necessário atentar-se as leis que asseguram os direitos dos autores das pesquisas pelas quais nos baseamos, ou seja, referenciar os

estudos que utilizamos em nosso trabalho. Conforme Vidal (2013) o plágio acadêmico pode gerar problemas éticos, jurídicos e pedagógicos e, que isso tem gerado crescentes preocupações no cenário acadêmico brasileiro.

Além disso, o plágio gera transtornos tanto para os que usufruem das ideias de outrem, como também para as vítimas do plágio. De acordo com Moraes (2014, p. 5) “O plagiário age com má-fé, tentando ludibriar a sociedade e o autor-vítima. A ausência de boa-fé caracteriza-se quando há cópia literal e não mera semelhança temática entre duas obras.”.

Ressaltamos que, podem ocorrer que os graduandos cometam tal imoralidade sem que percebam, são necessários cautela e conhecimento, atentando-se as regras de plágio, bem como as normalizações da ABNT ou de alguma outra que a universidade toma como base para elaboração de trabalhos científicos, em prol de evitar tais problemas e constrangimentos para o plagiário e autor-vítima. Prosseguindo com os estudos de Moraes (2014, p. 5), na qual reforça esse pensamento:

Imprescindível se faz o debate sobre a questão moral (e jurídica) existente no ato de citar, mencionar, dar o crédito ao verdadeiro autor. Memorizar todas as minúcias formais impostas pela ABNT é uma tarefa que exige constante atualização. As normas mudam. Porém, sua essência continua sempre a mesma.

Diante disso, Vidal (2013) traz à importância de apresentar tais discussões na universidade, nos componentes curriculares obrigatórios que apresentam diferentes níveis a elaboração de uma pesquisa científica, para que os alunos tenham conhecimento das regras de normalização, por conseguinte, das regras para não cometer plágio acadêmico. Como mostra a sua fala:

O plágio é um tema que merece destaque no âmbito acadêmico. A Universidade, na maior parte de seus cursos de graduação e pós-graduação, tem como atividade discente obrigatória a realização de pelo menos uma pesquisa científica. No Brasil, denomina-se “monografia”, a pesquisa de conclusão dos cursos de Graduação e de Pós-graduação lato sensu (Especialização); “dissertação”, a pesquisa de conclusão do curso de Mestrado; e “tese”, a pesquisa de conclusão do curso de Doutorado. (VIDAL, 2013, p. 97, grifo do autor).

Face de tudo isto, o plágio é a ação de tirar partes de trabalhos alheios, sejam de textos encontrados na internet (bancos de dados, sites, *bloggers*, etc); em livros e

revistas físicas; enciclopédias e etc. (MORAES, 2014). É visto como uma desonestidade acadêmica, em que, Sanchez e Innarelli (2012, p. 47) trazem os tipos de plágio acadêmico da seguinte forma:

Mais que a simples cópia de trechos literários, a academia tem reconhecido diferentes tipos de plágio. Entre eles, destacam-se (1) o autoplágio, em que um indivíduo utiliza um trabalho próprio já publicado anteriormente, mas apresentado de maneira diversa; (2) a autoria fantasma, onde há a inserção de supostos autores que efetivamente não participaram de modo significativo, levando indivíduos à apropriação dos benefícios de conteúdos que os recompensa indevidamente; combinações, em variados graus, de (3) plágios literários (cópias de textos, integrais ou em partes, substituindo-lhes algumas palavras) e (4) plágios de conteúdo (em que as ideias de autores originais são reapresentadas sem que lhes seja reconhecida a origem).

Com isso, vemos a necessidade de citar até mesmo os trabalhos que produzimos, para que não cometamos autoplágio, como os demais tipos mostrados. Sabendo disso, trazemos conforme mencionado no terceiro tópico dos documentos da ABNT, os tipos de citações, que em definição é o ato de referenciar informações extraídas de outra fonte, podendo ser elas: citação direta (extraída para o texto da forma original da obra consultada, exigindo que coloque o sobrenome do autor da obra, ano e página - transcrição) e indireta (Reescrita do que compreendemos das obras que nos baseamos, na qual, exige sobrenome do autor da obra e ano, ficando a critério a colocação da página).

Também existem as notas de referências, que são os espaços que indicam fontes consultadas, detalhes das obras citadas e explicação de termos desconhecidos ou que será mencionado em outro momento no texto. Essas notas são as notas de rodapé e explicativas. Notas de rodapé apresentam indicações, observações, definições, tradutor, editor e adiantamentos de partes importantes do texto, em que podem aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica⁹, já as notas explicativas é o espaço destinado a comentários, esclarecimentos ou explanações de termos que não são incluídos no texto (RIO DE JANEIRO, 2002, NBR 10520).

Em consonância possuem as referências, que detalham informações que não podem vir nas citações, bem como o local que foi desenvolvido o trabalho, site eletrônico quando é no meio virtual, evento, congresso ou banco de dados que o mesmo encontrado e submetido, entre outras. No documento NBR 6023 (2002)

apresenta as normas que estabelece os elementos que precisam ser incluídos nas referências, assim como a ordem que tais elementos devem aparecer em cada caso.

5 METODOLOGIA

Dada a amplitude da pesquisa, percorreremos sob a ótica de uma investigação qualitativa. Nesse tipo de investigação os dados possuem sentido, significados, na qual atua em níveis da realidade, ou seja, os dados dizem muita coisa sobre os sujeitos da pesquisa, trazendo indicadores, tendências observáveis, compreensão de fenômenos caracterizados pela singularidade de cada sujeito da pesquisa (PROTA, 1999).

Conforme Oliveira (2016), a investigação qualitativa é uma pesquisa que não se baseia em quantidade, números, mas sim, a qualificação e significação que os sujeitos pesquisados atribuem a vida, ao outro e a objetos. Dessa forma, é um campo natural de dados e o pesquisador, nesse caso, tem a função de refletir/pensar sobre tais dados, por isso, possui um caráter descritivo e indutivo.

Assim sendo, para produzirmos os dados da pesquisa utilizamos de um formulário eletrônico produzido no *Google Drive*, em que é composto por nove perguntas (quadro 1), sendo uma de múltipla escolha e as demais discursivas, em que estão interligadas entre si, permitindo respostas a pergunta de pesquisa que norteia esse trabalho, quer dizer, compreender e apresentar contribuições ao tema abordado. Um novo olhar.

Conforme Santiago e Santos (2014) o Google Drive é uma ferramenta virtual que permite organizar inúmeras atividades, inclusive, produzir formulários eletrônicos, que por sua vez facilita na coleta de dados de uma pesquisa. O drive favorece a interação e um sistema de aprendizagem colaborativa, compartilhada e significativa.

Assim sendo, nesses formulários podemos mesclar vários tipos de perguntas, gerando links para que os sujeitos da pesquisa os respondam. Além disso, essas respostas são armazenadas, em que as podemos ver de forma geral, onde o próprio programa gera planilhas, faz gráficos sintetizados dos resultados, tal como, reúne as respostas próximas dos sujeitos, dando a opção de ver as respostas de forma individual. Com isso, podemos perceber a facilidade que essa ferramenta nos traz na realização de pesquisa, onde não precisamos recolher e guardar folhas físicas, mas sim um material online, que podemos ver em qualquer lugar que estamos (SANTIAGO; SANTOS, 2014).

Quadro 1: perguntas que compõem o formulário eletrônico com os seus respectivos objetivos.

PERGUNTA	OBJETIVO
1º Em qual ano ou semestre você escolheu o tema do TCC?	Saber há quanto tempo os licenciados em matemática escolheram o tema de TCC, em que compreendemos que essa escolha é bem necessária antes mesmo de ir para disciplina de MPE.
2º O que determinou a escolha do tema?	Observar as inspirações, influências, subjetivações e agenciamentos que definiram o tema.
3º Enfrentou alguma dificuldade para escolher o tema? Em caso afirmativo, quais as dificuldades?	Compreender os obstáculos recorrentes a escolha do tema mais difícil.
4º A escolha do tema teve alguma relação com as disciplinas ofertadas durante o curso ou com algum projeto acadêmico que você participou?	Identificar como a própria universidade auxilia o graduando no momento da elaboração e escolha do tema.
5º Em qual ano ou semestre cursou a disciplina de MPE?	Correlacionar o período que iniciou a pesquisa com o de conclusão.
6º Quais os fatores que influenciaram a escolha do orientador?	Perceber as subjetivações que transpassaram a escolha do orientador. Ou seja, quais foram os pontos que os licenciados levaram em consideração na escolha do docente orientador.
7º Você cursou a disciplina de TCC 2 por quantas vezes?	Perceber se os licenciados em matemática reprovaram a disciplina TCC2. Caso sim, quantas vezes. Compreendemos que reprovar a disciplina está recheado de subjetivações, sendo assim, essa pergunta complementa as demais perguntas, dando sentido ao que queremos saber.
8º Alterou o tema durante a pesquisa? Se, sim. Por quê?	Notar o que levou a possíveis mudanças de temas. Isto é, que subjetivações levaram os licenciados a mudar de tema. Todavia, inúmeros desafios surgem durante a elaboração do TCC, mudança de tema é uma dela.
9º Pensou em desistir do curso por causa do TCC? Se, sim. O que lhe fez continuar?	Perceber as subjetivações (fatores) que levaram os licenciados a desejar desistir do curso, ou seja, que desafios. Como também, os agenciamentos (convites) que os permitiram prosseguir com a elaboração

	do mesmo.
--	-----------

Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

Com isso, esse formulário foi organizado e estruturado conforme as inquietações que surgiram durante a produção do TCC, ou seja, como apresentado, tivemos muitas dificuldades na elaboração do trabalho, que nos despertou a curiosidade em saber que desafios os demais licenciados enfrentaram na produção do seu, pois, temos que muitos alunos enxergam o TCC como um “bicho de sete cabeças”, estendendo talvez o seu tempo no curso.

Os sujeitos da nossa pesquisa são 17 recém-licenciados do curso de matemática – Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Campus do Agreste (CA). Enviamos o formulário através do aplicativo *WhatsApp* e *Facebook* aos egressos recentes do curso, sendo respondido apenas pela quantidade de sujeitos apresentada.

E, também, para seguirmos o que é trazido pelas normas éticas, não iremos disponibilizar dados pessoais de tais sujeitos, os referindo, quando necessário, de L1, L2, L3, ..., L15, ou seja, iremos guardar o anonimato de cada um deles.

Todavia, o que nos importa nesse trabalho são as respostas subjetivas dos licenciados, em que, as organizamos em categorias conforme as respostas comuns e diferentes, ou seja, as proximidades nas respostas. Porém, essas categorias se diferem de caixinhas, padrões, pois, foi apenas a forma que encontramos para organizar as respostas, a fim de descrevê-las. E, também, como vimos, podemos ter uma visão geral ou a resposta individual dada por cada sujeito da pesquisa no formulário, dessa forma, antes de as reunirmos em categorias, as observamos de forma individual.

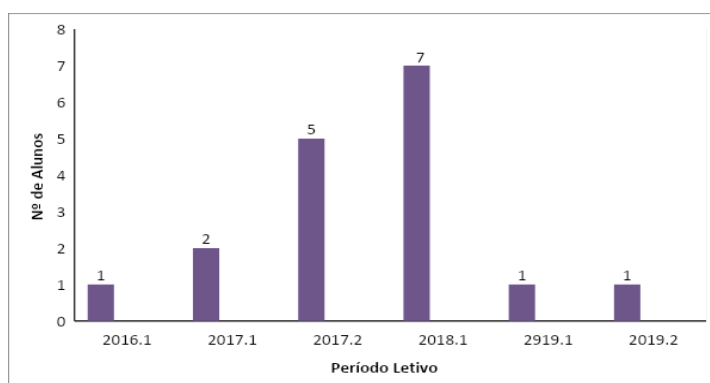
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para as análises das respostas do formulário eletrônico (quadro 1), como trouxemos na metodologia, as organizamos em categorias, porém, não no sentido de quantificar ou unificar, mas sim, em prol de apresentar uma base para analisarmos as respostas, que mesmo elas separadas em categorias as vimos em sua singularidade, elas trazem a subjetividade, devir professor de cada sujeito, experiência, marcas, enfim, as olhamos sobre a perspectiva da Filosofia da Diferença, dos conceitos desse plano de imanência. Com isso, essas categorias foram organizadas em termos de aproximações entre as respostas.

Na primeira pergunta, “Em qual ano ou semestre você escolheu o tema do TCC?”, ficou perceptível que, a escolha do tema pelos discentes se concentrou nos semestres finais do curso, levando em consideração essa observação devido a diferença de tempo entre o ano que ele escolheu o tema com o vigente ano (2020), não faz muito tempo que finalizaram o curso. Imaginamos que nesta fase os pesquisados já tinham uma boa bagagem de Pesquisas Científicas que os tornaram capazes de escolher um tema de pesquisa, pois como trouxemos no trabalho, nos componentes curriculares do curso de matemática podem exigir trabalhos de rigor científico, além disso, precisam buscar formas de conseguir as horas relacionadas a pesquisas científicas, como produção de artigos, pôsteres, resumo expandido, etc.

Assim, pontuamos a importância de Pesquisas/ Trabalhos Científicos antes de iniciar a produção do TCC. Diante disso, organizamos os anos e semestre que os pesquisados escolheram o tema do TCC, conforme o gráfico 1:

Gráfico 1: Distribuição referente à primeira pergunta



Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

Como mostra no gráfico 1, anos/semestres que os egressos mais escolheram/ decidiram o seu tema de pesquisa foram 2017. 2 e 2018.1. Diante disso, nos surgiu a pergunta, “por que houve um grande número de alunos que decidiram escolher o seu tema durante esse período?”. Diante disso, supomos que eles podem ser da mesma turma ou foram subjetivados e/ou agenciados por linhas de pesquisas, ou até mesmo pelo professor orientador. Ressaltamos que, compreendemos que a escolha de um tema a ser pesquisado é recheada de subjetivação e agenciamento, pela qual, os alunos são atravessados pelo desejo de realizar a pesquisa, seja por gostar do que estão fazendo ou até mesmo para finalizar o curso. Conforme Deleuze (apud Queiroz, 2016a) desejamos em conjunto, ou seja, não desejamos apenas uma coisa, desejamos várias em conjunto ao mesmo tempo e, são esses conjuntos que conduzem os sujeitos a caminharem, onde vai constituindo o devir professor, aluno, sujeito, etc.

Na segunda pergunta “O que determinou a escolha do tema?”. De forma geral, percebemos que, os pesquisados foram agenciados/subjetivados pelas disciplinas que cursaram e, pelos projetos que participaram, como também, pela curiosidade de realizar pesquisas em determinados temas voltados à docência ou enquanto licenciando em matemática. Outros fatores foram às dificuldades encontradas em seu devir professor, afinidade com o tema.

Durante as análises dessa questão, percebemos que no processo da escolha do tema várias subjetivações perpassaram os discentes, ou seja, mais de um fator dos que mencionamos anteriormente os influenciou no momento da escolha do tema. Sendo assim, categorizamos da forma que é apresentado no quadro a seguir:

Quadro 2: Categorização das subjetivações que perpassaram a escolha do tema.

Categorias	Licenciado
Curiosidade pelo tema	L3; L6; L7; L8; L9; L10; L11; L13 e L17.
Afinidade	L5; L9; L12 e L1.
Experiência com a docência	L2; L4 e L14.
Disciplinas cursadas	L16 e L15

Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

De acordo com o quadro 2 notamos que o fator que mais subjetivou/agenciou os discentes foi a “curiosidade pelo tema”. Sendo assim, imagina-se que, muitos dos licenciados foram despertados durante o seu devir docente, enquanto professor e/ou licenciando por perguntas, questionamentos que tinham o interesse de responder e compreender mais sobre o tema. Dessa categoria, destacamos as seguintes respostas:

Descrevendo a resposta de **L17**: *“O fato de sempre ouvirmos que devemos procurar métodos diferenciados que chamem a atenção dos alunos, mas os documentos oficiais não dizem como fazer isso e na graduação também não temos muito contato com jogos, então como "garantir" que os futuros professores estão sendo instruídos a utilizarem as metodologias diversificadas?”*

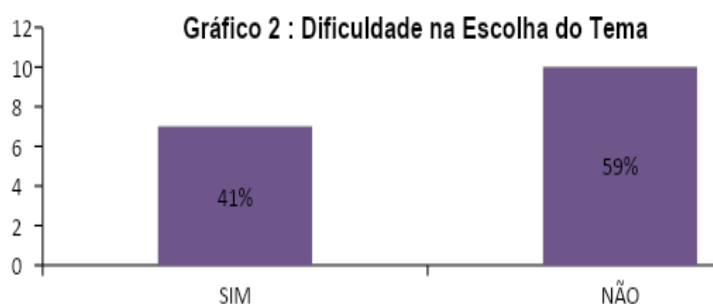
Mediante ao exposto, percebemos que o sujeito **L17** foi agenciado e subjetivado pelo desejo de buscar melhorar suas aulas, tendo como principal preocupação os alunos. Por certo, o mesmo experienciou na docência ou vivenciou na Universidade discursos acerca dos desafios educacionais do século XXI (QUEIROZ, 2016a). Subjetivado pelo discurso pedagógico sobre essa necessidade em inovar o ensino de matemática. Que o fez desejar. O desejo foi uma consequência.

Com isso, esse pesquisado apresenta em seu devir professor o desejo de buscar sem inovar, diversificar em suas aulas, trazendo-nos o quanto ele carrega discursos apresentados em disciplinas, projetos, sala de aula, seja enquanto aluno ou professor. Ou seja, imagina-se que, o mesmo veja o seu devir docente como incompleto. Diante disso, o mesmo agenciado pela curiosidade escolheu o tema pelo qual se sentiu convidado. Trazendo-nos o que o mesmo reflete em sua fala a importância de uma pesquisa científica, não apenas para um TCC e sim para a vida profissional.

O que trouxemos de **L17** de forma implícita podemos relacionar com **L11** *“A curiosidade sobre o meu tema, no caso, a avaliação da aprendizagem, e por acreditar que poderia contribuir para essa área.”* E com os demais que falaram acerca da curiosidade que determinou a escolha do tema. Mesmo considerando que, esse seja o caminho, pela qual parta de curiosidades, de inquietações acerca das diversas áreas, dispositivos que compõem a profissão do professor, ou seja, o seu devir docente.

A partir da fala de **L13** “*A curiosidade do porque os alunos optam por cursar licenciatura em Matemática.*” Vemos que o mesmo tinha uma inquietação que o encaixava, pois, o mesmo fez parte desse público que opta em cursar licenciatura em matemática. Ou seja, imagina-se que sua vivência na docência e na Universidade o subjetivou a sua escolha do tema.

Prosseguindo com a descrição dos dados, dessa vez com a terceira pergunta, “Enfrentou alguma dificuldade para escolher o tema? Em caso afirmativo, quais as dificuldades?”. Em face das respostas dos pesquisados, percebemos que os que destacaram que tiveram dificuldades trouxeram que foi ao fato de escolher o tema, na escrita, na coleta de dados, desmotivação. Trazendo para Filosofia da Diferença, notamos nas respostas que vários fatores externos, ou seja, subjetivações tiveram presentes nas dificuldades enfrentadas pelos discentes. No entanto, a maioria dos pesquisados responderam que não possuíram dificuldade. Como mostra no gráfico 2 a seguir:



Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

Dando sequência aos dados apresentados no gráfico 2, observamos que, os licenciados em matemática que sentiram dificuldades na elaboração do TCC foram 07 que corresponde a 41%. Onde, destacamos algumas respostas:

L1“*Muitos. Como na resposta anterior, antes de escrever sobre Modelagem Matemática, pensei em vários outros temas. O que eu mais queria era concluir o curso no tempo "certo" desmotivada fiquei. Hoje eu agradeço o tempo que passei, aprendi muito. Precisei mudar. Não sai do lugar. O que eu mais tinha certeza na escolha, era a professora orientadora. Desejava que ela fosse. Apesar da minha timidez, eu admirava/admiro.*”

Imagina-se que, pela resposta de L1, o mesmo pensou em escolher inicialmente o tema conforme o desejo de finalizar o TCC. Logo e, por conseguinte

terminar no tempo estabelecido pelo curso como essencial. Porém, compreendemos que vários fatores externos, que chamamos na Filosofia da Diferença de subjetivações faz com que esse tempo se estenda, fazendo ficar por mais tempo na Universidade. E, finalizar um curso superior é uma luta, melhor dizer, uma dobra de força como é apresentado pelo terceiro processo de subjetivação de Queiroz (2015), que trouxemos no trabalho. Com isso, o TCC para esse licenciado foi um dos motivos que os impediu de finalizar em nove semestres.

No entanto, segundo a sua fala, tornou-se como sendo algo positivo, que o impulsionou a sair da zona de conforto, imagina-se ao fato do mesmo falar sobre mudança, que precisou adentrar a outros dispositivos e, suponhamos que foi agenciado no final do curso de que o tempo que passou a mais o possibilitou aprender, a vivenciar outros momentos na graduação. Até mesmo, como *L1* traz em suas respostas, que precisou trocar de tema, foi algo estranho, na qual precisou aprender, talvez, a estabelecer mecanismo, organizar disciplinas ou projetos em torno do novo tema do TCC.

Além disso, o mesmo foi agenciado pela orientadora, foi decidido que queria pesquisar algo com ela, mesmo que para isto tivesse que reiniciar a pesquisa. Ou seja, demonstra em meio a sua resposta que, durante a produção do TCC a única certeza que tinha era a orientadora. Isso apresenta desejo, subjetivação e agenciamento, tudo em sintonia.

Prosseguindo com a descrição das respostas conforme a nossa subjetividade, percebemos que, *L2* ao afirmar em sua resposta que: *“dúvidas de como abordar o tema.”* e *L3* *“Sim, as principais dificuldades que encontramos acredito que não seja o tema. A maior dificuldade é a sua abordagem como deve adequar o meu tema a minha realidade.”* Apresentavam a mesma preocupação, ou seja, de como abordar o tema. Compreendemos que é uma fase difícil, por existir vários caminhos e metodologias de abordar um mesmo tema. Além disso, abrindo um parêntese para resposta de *L2* notamos que existia uma preocupação de adequar o tema a sua realidade, ou seja, ao seu devir professor.

Cada um enfrenta dificuldades externas, ou seja, são subjetivados por fatores externos, tanto em relação a sua subjetividade quanto diante dos muros da Universidade, que os impedem ou obstaculizam o processo de produção de TCC. No entanto, a forma que elas perpassam os sujeitos é diferente. Com os demais pesquisados percebemos que alegaram terem tido maiores dificuldades na questão

estrutural do trabalho, que envolve as normas da ABNT e técnicas de como abordar o tema.

De acordo com Queiroz (2016,p.17) temos que:

Lugar daquele que antes era o ideal ou desiste de tentar. Diante disso, deparamo-nos com a infundável batalha entre a frustração e desejo, em que a frustração pode bloquear o desejo, fazendo o sujeito desistir do anteriormente almejado, assim como o desejo pode retroalimentar-se, conduzindo o sujeito a superar a frustração, é uma espécie de reforço que o leva a lutar com mais tenacidade.

Em contrapartida, 10 licenciados responderam que não tiveram dificuldades, nas quais, não apresentaram justificativas. Essa quantidade corresponde a 59% das respostas.

Na quarta pergunta, “A escolha do tema teve alguma relação com as disciplinas ofertadas durante o curso ou com algum projeto acadêmico que você participou?”. Dos entrevistados 14 afirmam que sim teve haver com alguma disciplina ou projeto que equivale a 82%, sendo que, respectivamente, 11 que equivale a 79% dos que afirmaram ter relação com a disciplina e 3 a projetos que equivale a 21%. E, os demais, nesse caso, 3 pesquisados, responderam que “não”, equivalente a 18%. Abaixo segue os quadros com as disciplinas e projetos que influenciaram os alunos na escolha do tema:

Quadro 4: Disciplinas que influenciaram na escolha do tema de alguns licenciados.

LICENCIADO	DISCIPLINA
L12	MPE
L6	AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM
L7	ESTATÍSTICA
L9	LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA
L17	METODOLOGIA DO ENSINO MATEMÁTICA II
L11	COMBINATÓRIA

Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

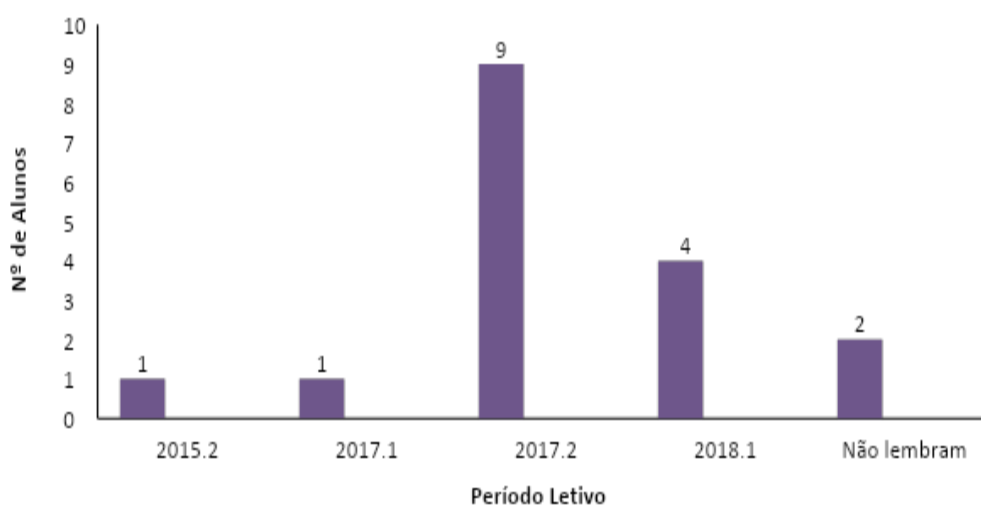
Quadro 5: Projetos de Pesquisas que influenciaram na escolha do tema de alguns licenciados

LICENCIADO	PROJETO
L11	EDUCAÇÃO INCLUSIVA
L 12	SEMINÁRIOS DA EDUCAÇÃO NO CAMPO
L17	RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Fonte: Acervo da pesquisa (2020)

Na quinta pergunta, “Em qual ano ou semestre cursou a disciplina de MPE?” Como mostra no gráfico 3, anos/semestres que os licenciandos cursaram MPE 2015.2, 2017.1, 2017.2 e 2018.1. Fazendo uma relação com a primeira pergunta que se refere *ao ano de escolha do TCC*. Percebemos que mesmo a escolha do tema é definido por muitos durante a disciplina de MPE. Nos mostra a importância dessa disciplina para a continuidade do TCC. Pois, nela o aluno faz um esboço inicial de seu trabalho.

Gráfico 3: Ano/Semestre que cursou a disciplina de MPE



Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

Com relação à sexta pergunta: “Quais os fatores que influenciaram na escolha do Orientador?” Foi uma questão importante para nos esclarecer as principais motivações na escolha do orientador, uma vez que, a orientação é fundamental para um bom desenvolvimento do TCC. Dentro da Filosofia da Diferença podemos relacionar o termo “influenciaram” a subjetivaram/ agenciaram. Para tanto, categorizamos da seguinte maneira. Como mostra a tabela 1.

Tabela 1: Fatores que influenciaram na escolha do orientador

Categoria	Porcentagem
Afinidade com o Orientador	53%
Área de Pesquisa do Orientador	41%
Excelente Profissional	6%

Fonte: Acervo da pesquisa (2020)

Diante da tabela 1 apresentada podemos observar que os graduados foram subjetivados a escolherem seu orientador por motivos pessoais, no caso, afinidade com o orientador que representa 53%. Isso reflete o que referenciamos de SILVA (2020) no referencial teórico, que acrescentamos o seguinte dos estudos da mesma:

Dessa forma, é preciso reconhecer essas forças e entender que a subjetividade no processo de elaboração das pesquisas faz com que orientadores e orientados afetem e sejam afetados, desejem coisas outras, adentrem em novos dispositivos, modificando-os e sendo modificando por eles. Com esse reconhecimento e entendimento do sujeito como uma construção contínua, temos que discursos legitimados socialmente podem ser rejeitados e não apresentem mais poder de subjetivação sobre esses sujeitos. (p. 9).

Descrição das respostas conforme a subjetivação dos pesquisados mediante escolha do orientador pelo critério da afinidade: L7 “*Afinidade e relação com o tema.*” L8 “*Afeição, foi a coordenadora de um projeto que participei*”.L15 “*Ter mais afinidade*

com ele, e ele está mais a disposição”.eL11 “Por ter sido aluna monitora dela e visto a ótima pessoa que é.”

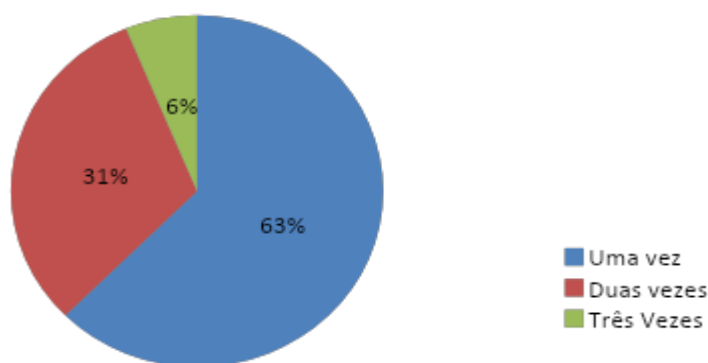
Além disso, como vemos, entrelaçados com as primeira resposta da pesquisa, onde apresenta o ano/semestre que escolheram o tema, vemos que como trouxemos anteriormente em análise a essa pergunta que afinidade com professor é carregado por uma via de afetações, em que os professores podem terem subjetivado ou agenciado os pesquisados a produzirem o TCC em sua linha de pesquisa.

Dessa forma, olhamos dessa vez para o dado, 41% dos licenciados que responderam que o que os levou a escolher o orientador foi a sua área, talvez, devido a falta de opção, onde o desejo de pesquisar nessa área foi tão forte que o fez tomar essa decisão. Porém, nem sempre ocorre uma boa relação, ocasionando vários problemas pessoais, levando até mesmo mudar a pesquisa de rota. A construção do TCC, como apresentada, é repleta de desafios, subjetivações, agenciamentos, desejos, linhas de forças, marcas, etc.

Desse modo apresentamos o seguinte recorte das respostas dos licenciados: L2 *“área de pesquisa e por ter organização e comprometimento com o orientando.”*L5 *“O domínio no tema. A orientadora tem domínio no assunto.”*L6 *“Estuda a temática abordada em minha pesquisa.”*L16 *“A Professora orientadora é uma grande estudiosa de área que pesquisei, ninguém seria melhor que ela para me orientar.”*

Prosseguindo com a análise dessa pergunta, temos que, a admiração pelo profissionalismo dos professores pode ser um fator subjetivador, que impulsionou os sujeitos dessa pesquisa escolherem os seus orientadores, o equivalente a 6%. L9 *“O fato de ser um excelente profissional.”*

Com a sétima questão, *“Você cursou a disciplina de TCC 2 por quantas vezes?”*. Começamos a observar que houve certa contradição dos pesquisados com a terceira questão. Pois, ao serem indagados se *“Enfrentaram alguma dificuldade para escolher o tema?”*. A maioria dos pesquisados que correspondem a 59% afirmaram que não tiveram dificuldades o que nos chamou atenção. Porém, ao analisarmos as respostas da sétima questão percebemos que os que afirmaram não possuir dificuldades cursaram a disciplina de TCC2 por mais de uma vez. Como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 4: Por quantas vezes cursou TCC2

Fonte: Acervo da pesquisa (2020).

Na oitava questão, *“Alterou o tema durante a pesquisa? Se, sim. Por quê?”*. Na descrição dessa pergunta encontramos que 4 pesquisados afirmaram que alteraram o tema que equivale a 24%. A partir disso, levantamos as seguintes indagações “O que os levaram a essa troca?” e “Em que eles foram subjetivados?”

Diante disso, trazemos alguns argumentos dos pesquisados. L1 *“Por que eu não estava gostando do tema, não porque ele não era bom, mas devido a minha improdutividade, não conseguia pesquisar a pressão de terminar logo, me deixava mal.”* Como notamos pelos recortes que, L1 trouxe que possuía diversas dificuldades com primeiro tema escolhido, não porque ele não era bom, mas não conseguia escrever sobre, devidos às subjetivações que sempre o impulsionava a desejar a querer terminar logo o curso.

Disso, imaginamos que o desejo do mesmo era sair do caos, finalizar o TCC e não com a qualidade que estava produzindo, assim como as contribuições para o seu devir.

O pesquisado L2 *“Por falta de orientação no tema anterior. Tive que mudar o tema e o orientador também.”* L2 reflete a sua escolha do orientador antes de escolher o tema, que como trouxemos no referencial teórico isso pode ocasionar sérios desafios para ambos. Sendo que ele foi subjetivado a mudar o tema como também de orientador.

Já L13 afirma que: *“Porque antes ia fazer essa pesquisa voltada para alunos do ensino médio, mais fiz com universitários.”* Ao mudar os sujeitos da pesquisa

imaginamos que L13 foi movido por suas inquietações que surgiram em seu devir professor, que o fez mudar de rota.

Outro fato importante é que esses mesmos pesquisados L2 e L13 responderam na questão 3 que não possuíam dificuldades, porém alteram o tema durante a pesquisa e como mostramos na questão anterior cursaram TCC2 mais de uma vez.

Os demais pesquisados, 13 pesquisados, afirmam que não alteraram o tema que equivale 76%.

Na nona questão, *“Pensou em desistir do curso por causa do TCC? Se, sim. O que lhe fez continuar.”* Com essa questão buscamos identificar qual foi a maior motivação do licenciando em continuar no curso mediante aos obstáculos enfrentados na elaboração do TCC. As respostas obtidas nos mostram que cinco dos licenciados pensaram em desistir do curso optando por rotas de fuga por causa do TCC que equivale a 29%. Porém, os mesmos foram motivados e subjetivados a continuarem no curso.

Como mostramos em alguns recortes de suas respostas: L1 *“Ele contribuía para eu largar o curso. Estava passando por momentos difíceis. Quando eu me senti convidada a escrever (a professora me motivou muito) comecei a enxergar a beleza da pesquisa científica e do quanto eu posso superar as minhas limitações.”* Abrindo um parêntese na fala de L1, pela qual disse em resposta que a escolha do tema partiu da escolha do orientador, podemos considerar o tanto que a mesma se sentiu convidada em escrever mesmo diante de subjetivações que a perpassou fora e dentro da Universidade. Trazendo-nos a importância de uma boa interação/relação entre orientador/aluno. Imaginemos que, se a orientadora não tivesse ajudado, incentivado, acreditado nela, teria sido mais difícil concluir sua pesquisa. Com isso, refletimos o quanto subjetivações exteriores a Universidade (vida fora dos muros da Universidade) pode gerar desafios maiores na conclusão de um curso superior.

Diante disso, percebemos que a produção do TCC por L1 o fez perceber que sempre é possível superar os seus limites, que pode lutar contra os processos de subjetivações que os tanto a deseja, talvez, calmaria, zona de conforto. Porém, assim como todos que produziram o TCC, dobrou a força e superou. Lutou e venceu, praticando o quarto processo de subjetivação, dobrando a força e tirando dessa dobra experiência para enfrentar as dificuldades que estão por vir (QUEIROZ, 2016b).

Como trouxemos no trabalho experiência é o que nos toca, causando marcas, angústia, porém, possui sempre o valor de singular. Cada movimento, cada momento, tudo que vivemos é singular, não podemos voltar ao que passou e vivenciar novamente (LARROSA, 2002). Tudo que é novo, marcas novas, que sempre entram em contato com as que já existiam compondo o que vamos nos tornando, o nosso devir. Diante disso, temos que uma marca nunca deixa de existir (QUEIROZ, 2013).

Como vimos, nos recortes que trouxemos, podemos compreender pelas demais respostas que, os alunos conseguiram dobrar a força como relata L3 *“SIM, Dificuldades irão aparecer, porém a satisfação em fazer um bom trabalho, sem dúvida, supera qualquer frustração.”* Ou seja, para L3 fazer um trabalho como o TCC, é uma satisfação, pois, conseguiu ser aprovada e finalizar o curso superior e assim obter o título de Licenciado em Matemática.

Além disso, vemos que vários sentimentos negativos perpassaram a fala desses pesquisados, como relata L5 *“Pensei sim. Mas a quantidade de tempo no qual me dediquei ao curso seria perdido caso não terminasse por causa do TCC. O nervosismo e o ineditismo que é a disciplina toma conta mas a persistência é necessária para a superação dos obstáculos.”* Mesmo nervoso com tal produção, com medo do novo, do ineditismo, o mesmo superou.

O pesquisado L8 *“Com certeza, Deus principalmente, família e amigos e também pelo fato de ter sofrido tanto e não largar tudo que foi vivenciado.”* L8 citou em sua resposta os fatores/ sujeitos que o agenciou a superar os seus limites, que o deu forças para não largar tudo que o mesmo experienciou durante o curso.

Em sua fala o pesquisado L11 foi bem direto ao afirmar que: *“Sim. Pois achei muito difícil. Eu tive que enfrentar esse “mal” porque se formar pra mim era uma questão de subsistência futura, ou seja, a formação acadêmica é um dos fatores para me ajudar a trabalhar etc.”* Percebemos que ao dizer que achou difícil, ao referisse como sento um mal, algo negativo, em que refletiu o desejo em conjunto que citamos acima, ou seja, o desejo de se formar era conquistar um emprego, o ajudar, etc.

Os demais pesquisados que equivale a 71% afirmaram que não pensaram em desistir do curso. Com isso, vemos que, assim como os demais lutaram e enfrentaram os desafios que surgiram dentro da universidade. Além disso, ressaltamos que, os processos de subjetivações perpassam os sujeitos de forma

diferente, tornando-se dificuldades, caos que os impulsionam a prosseguir, a continuar. Além disso, percebe que alguns desses que fazem parte desse percentual passaram dificuldade e outros estenderam o prazo estabelecido pelo referido curso (09 semestres), refletindo-nos que tais dificuldades não os levaram a pensar em desistir.

Com isso, podemos supor que, os mesmos só se deixam subjetivar por forças que permitem, mesmo que eles não conheçam esse conceito, imaginamos que o mesmo apresenta em seu devir que nunca deve ser influenciado pela situação, por pessoas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, na tentativa responder ou tangenciar a pergunta de pesquisa, que traz: “Como os obstáculos vivenciados por alguns alunos graduados do curso de Licenciatura em Matemática do Campus Acadêmico do Agreste determinam a elaboração do TCC?”, encontramos como sendo as principais dificuldades, o ato de escolher ou decidir que área deseja trabalhar/adentrar; o tema a se pesquisar; obstáculos com escrita do trabalho; delimitação do tema; coleta de dados; tempo insuficiente e desmotivação.

Essa busca se sustentou em três objetivos: descrever as principais dificuldades dos sujeitos da pesquisa durante a elaboração do TCC, identificar os fatores que influenciam os alunos na escolha do tema e da orientação e verificar as motivações dos alunos diante dos obstáculos enfrentados na elaboração do trabalho.

Diante disso, notamos que, alguns pesquisados esconderam as dificuldades que enfrentaram durante a construção do TCC ao contradizerem as suas respostas, pois, passar mais tempo do que o estabelecido pelo curso de Matemática-Licenciatura, ou seja, cursou mais de uma vez o TCC 2, nos fazem pensar que vários fatores externos e internos a universidade, nesse caso, subjetivações fizeram parte da elaboração do mesmo e que o fator tempo apresenta como uma possível dificuldade, como referenciamos no trabalho.

Além disso, compreendemos que, todos dobraram as forças durante a construção do TCC, mostrando que são capazes de lutar e enfrentar os seus desafios, se conduzindo pelos seus desejos, que nesse caso, de finalizar o curso superior, talvez de exercer a profissão, de superar os seus limites. Quando referimos todos, se dá ao fato de eles terem conseguido defender e finalizar o curso, tanto os que relataram as suas dificuldades como os que não. Assim, compreendemos que a produção do TCC é uma relação de resistência, contra subjetivações. É um caos, por se não tiver dificuldades, o problema pesquisa já possui respostas, já foi respondido.

E, muitos prosseguiram com a escrita do TCC, agenciados pelo orientador, familiares, amigos e, principalmente, desejo em conjunto de estar professor ou simplesmente ter uma formação acadêmica. É importante mencionarmos que

algumas vezes os sujeitos escolhem fazer um curso superior pelo desejo do pai, mãe, avó, de algum familiar. Ou seja, nem sempre é um desejo dele ou apenas dele.

Nas análises encontramos também que esses pesquisados foram subjetivados e agenciados na escolha do orientador, devido à aproximação e admiração. Em contrapartida, os demais escolheram o professor conforme o tema que desejavam pesquisar, ou seja, escolheram o tema de acordo com ele escolheram o professor para ser o orientador. Diante das respostas percebemos também que a maioria escolheu o tema conforme a curiosidade sobre determinado campo de pesquisa. E, os demais foram agenciados pela afinidade com o tema, experiência com a docência e disciplinas cursadas. Dessa forma, ressaltamos a importância de escolher um tema conforme as inquietações e curiosidades que vem surgindo em nosso devir professor, apesar de que, como vimos na pesquisa, alguns escolheram os temas subjetivados por seus orientadores.

Diante disso, a pesquisa nos permitiu verificar que quando o aluno se identifica com o tema e orientação obtém maior sucesso no trabalho e na delimitação do tema. E, no decorrer da pesquisa colhemos informações que nos gerou algumas inquietações a respeito dos obstáculos na escolha do tema, envolvendo as subjetivações e fatores externos; Algo que intensifique na graduação incentivo a pesquisa acadêmica desde primeiros períodos; Buscar caminhos ou métodos que diminua essa dificuldade Na elaboração TCC.

A pesquisa contribuiu para o nosso devir professor, pois, assim como os pesquisados neste trabalho é resultado de resistências, onde quisemos por várias vezes desistir diante de fortes subjetivações contrária a este movimento de construção da pesquisa, fatores externos, porém resisti diante de agenciamentos da orientadora, amigos e familiares. Com isso, percebemos e respondemos ao problema de pesquisa, observando que cada um depara-se com as situações de forma diferente. As subjetivações perpassam os sujeitos de forma diferente. Somos singulares, ímpares, únicos. Além disso, compreendemos por meio da pesquisa a importância de estar imersos a pesquisas científicas desde o início da universidade.

Para futuras pesquisas, poderíamos descrever as possíveis subjetivações externas a universidade durante a produção do TCC. Como também, investigar como os licenciados enxergam a produção científica, como eles se preparam para produzir o TCC. Além disso, podemos ampliar a pesquisa para busca de subjetivações na produção da dissertação, ao investigar mestrados/ mestres.

REFERÊNCIA

ARAÚJO, Rodolfo Santiago de. Fatores críticos de sucesso na elaboração do TCC sob a ótica dos estudantes de ciências contábeis da UFRN Campus Central.

2015.65f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Ciências Contábeis. 2015.

COLEGIADO DE MATEMÁTICA. Projeto Pedagógico do Curso de Matemática-Licenciatura (UFPE-CAA). **Universidade Federal de Pernambuco/ Núcleo de Formação Docente** - Centro Acadêmico do Agreste. Caruaru: 2017. Acesso em: 12 de março. 2020.

COSTA, L.R; SILVA.W.S. **Principais dificuldades relatadas por discentes sobre a elaboração do trabalho de conclusão de curso.** 2019. Conedu. VI congresso nacional de educação Fortaleza, Disponível<www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php> Acesso em: 11de março. de 2020.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1995-1997. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp.

DELEUZE, Gilles. PARNET, c. **Diálogos.** Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta,1998, 184p.

GALLINA, Simone. **O ensino de filosofia e a criação de conceitos.** Cad. cedes, Campinas, vol. 24, n. 64, p.359-371, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 16 de jan. de 2010.

GALLO, Sílvio. **O que é Filosofia da Educação?** Anotações a partir de Deleuze e Guattari. Florianópolis, v.18, n.34, jul./ dez. 2000,pp. 49-68.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HEINEN, S. V. I. HEINEM, S. L. I. As filosofias da diferença de Nietzsche e de Deleuze: para construir outros modos. In: **Linha Mestra**, n. 23, ago. Dez. 2013.

Disponível

em:<https://linhamestra23.files.wordpress.com/2013/12/03_para_uma_escrita_delirante_as_filosofias_da_diferenca_heinen_heinen.pdf> Acesso em: 20 de dez. 2018.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002.

LIMA, Lúcia Maria de. **TCC: Gigante ou moinho? Partilhando desafios e experiências de trabalhos de conclusão de curso nos 10 anos de teologia**.2011.130f Monografia (Graduação)–EAD na Universidade Metodista de São Paulo.2011.

MORAES, Rodrigo. **O plágio de Tony Blair**. A TARDE, Salvador, p. 6, 12 de março de 2014.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7ªed.Petrópolis, RJ: Editora vozes,2016. ISBN: 978853233774

RESOLUÇÃO CNE/CES 1.302/2001, de 06 de novembro de 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivo/pdf/CES13022.pdf>. Acesso em: 02 de março agosto de 2020.

RESOLUÇÃO Nº 06/2005 CCEPE – Conselho Coordenador de Ensino, Pesquisa e Extensão, de 01 de setembro de 2005. Disponível em: <https://www.ufpe.br/progepe/images/bletins/Conselho/RESOLUCOE-CCEPE/2005/resolucoes2005%205.pdf>. Acesso em: 02 de março de 2020.

ROLNIK, S. **Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/ estético/política no trabalho acadêmico**. In: **Cadernos de Subjetividade** nº 2. São Paulo: PUC, 1993.

ROLNIK, Suely. **Uma Insólita Viagem à Subjetividade. Fronteiras com a Ética e a Cultura.** In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e Subjetividade: saberes nômades.* Campinas: Papirus, 1997. pp. 25-34.

SANTIAGO, M. E. V; SANTOS, R. **Google Drive como ferramenta de produção de textos em aulas de inglês instrumental.** *Revista Intercâmbio*, v. 34, p. 83-107, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP

SCHOPKE, R. **O conceito de “Diferença” na obra de Gilles Deleuze.** Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://rogsil.wordpress.com/2009/11/22/o-conceito-de-diferenca-na-obra-de-gilles-deleuze/>>. Acesso em: 20, ago. 2018.

QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos.** 2015. 208f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

QUEIROZ, S.M **Uma breve análise cartográfica de professores do ensino básico.** In: Encontro Nacional de Educação Matemática, XI, 2013, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PR, jun. 2013.

QUEIROZ, S. M. **Caso Sabrina: quando a cartografia atinge uma marca.** In: Encontro Paraibano de Educação Matemática, 8, 2014, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Acesso em: 30, abril, 2020.

_____. A educação em meio ao Hiperativismosócio-cultural do mundo líquido. In: **X Encontro Nacional de Educação Matemática.** São Paulo, SP. 2016^a

ROLNIK, Suely. **Uma Insólita Viagem à Subjetividade. Fronteiras com a Ética e a Cultura.** In: LINS, Daniel (Org.). **Cultura e Subjetividade: saberes nômades.** Campinas: Papirus, 1997. pp. 25-34.

SILVA, Brenda Daniele Souza. **A subjetivação no processo de elaboração do TCC.** 2017. 61f Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Licenciatura em Matemática, 2017.